

Os nossos corpos dissidentes e o silêncio santo do púlpito da igreja Assembleia de Deus¹

Thaís de Oliveira Costa (UFPA/PA)

Resumo

Este texto é parte da minha pesquisa de mestrado e centra-se nas discussões referentes à liderança de mulheres na igreja evangélica Assembleia de Deus. A instituição, fundada em 1911, em Belém do Pará e que atualmente está presente em todos os estados brasileiros, reserva às mulheres papéis colaborativos não permitindo que estas ascendam na hierarquia eclesiástica. Esse fator endossa a postura androcêntrica da igreja que, em seus 110 anos de fundação, nunca consagrou mulheres aos cargos de liderança eclesiástica, mesmo tendo uma mulher como pioneira e um público de maioria feminina. Buscando desenvolver uma escrevivência, como propõe Conceição Evaristo, delimitou-se como campo de pesquisa etnográfica a comunidade cristã da qual fui membra por doze anos, cuja sede fica em Boa Esperança, na zona rural do município de Santarém, no Oeste do Pará. Mais especificamente, o trabalho desenvolve-se por meio do diálogo com integrantes do círculo de oração, composto pelas mulheres casadas da igreja, e os “achados etnográficos” são analisados à luz do referencial teórico dos estudos de gênero e pentecostalismo na antropologia.

Palavras-Chave: Mulheres; Assembleia de Deus; Círculo de Oração

Introdução

Segundo o Censo do IBGE (2010), 22% da população brasileira declara-se evangélica, sendo que a região Norte alcança o índice de 28,5 %. Em Santarém/PA, os dados apontam um percentual de 25,4% das pessoas como professantes dessa fé. A evangelização protestante na região tem início ainda na primeira metade do século XIX com a vinda de missionários norte-americanos. Todavia há indícios de que o pentecostalismo na região Norte tem início nas primeiras décadas do século XX com a vinda de missionários suecos para a Amazônia.

Essa pesquisa é parte do trabalho que desenvolvo desde 2018 com as mulheres da igreja evangélica Assembleia de Deus em Boa Esperança, um distrito localizado a 43 km de Santarém. No interior do Pará as limitações imputadas pelo machismo reverberam nos espaços sociais e, como a igreja evangélica abrange a maioria da população, esse fator torna o espaço congregacional extremamente misógino. A instituição crê que a mulher foi criada com o intuito de auxiliar o homem, dessa

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022

forma, os cargos ministeriais destinados a elas centram-se em trabalhos de auxiliaadoras, professoras, cantoras, nunca chegando a cargos de liderança, tais como o pastoreio. Sendo assim, esta pesquisa tem como foco as relações de gênero, enquanto instância de poder na igreja Assembleia de Deus em Boa Esperança, que é filiada à Convenção Estadual das igrejas evangélicas Assembleias de Deus no estado do Pará (COMIEADEPA).

No período dessa pesquisa sua membresia tinha um total de 256 pessoas, destas, 180 eram mulheres e 42 compunham o Círculo de Oração. Quando iniciei meu diálogo sobre as concepções das mulheres do círculo de oração a respeito de suas posições hierárquicas, recebi respostas de que o Espírito Santo não fazia distinção de gênero (COSTA, 2019). O Espírito Santo é a terceira pessoa da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo, e, para os assembleianos, este concede dádivas aos fiéis que o buscam. Os dons de pregação, pastoreio e os demais são outorgados por ele, contudo, a Assembleia de Deus, em 110 anos de história, nunca consagrou mulheres ao cargo de pastora, pelo contrário, nos registros da AD, observamos a dura repressão que sofreram as mulheres que tentaram ocupar cargos mais altos na hierarquia da igreja.

Nesse contexto, podemos destacar Frida Strandberg Vingren, missionária, escritora, enfermeira e uma das pioneiras da igreja evangélica Assembleia de Deus. Frida chega em Belém do Pará no ano de 1917, enviada pela igreja Filadélfia de Estocolmo, meses depois casa-se com o missionário Gunnar Vingren e atua junto a ele na igreja. Ela foi considerada uma mulher à frente do seu tempo e teve sua trajetória marcada pela limitação de líderes religiosos que não aceitavam sua participação ativa na igreja. Frida assumia o posto de seu esposo, Gunnar Vingren, na igreja, enquanto este viajava ou quando adoecia. Essa atitude desagradou os pastores da época, que em sua grande maioria eram coronelistas e viam na fundadora uma forte ameaça. Eles arquitetaram a saída da família Vingren do Brasil e anos depois Frida vem a falecer em um hospital psiquiátrico (COSTA, 2019).

Conjuntamente, há na bíblia relatos de mulheres que se destacaram em funções que eram outorgadas somente a homens. Vemos a profetisa Débora (cf. Juízes 5:6, 7), a rainha Ester (cf. Ester), Rute, Noemi (cf. Rute) e tantas outras que se destacaram no exercício do sacerdócio. Suas narrativas são relatadas na Bíblia como grandes feitos essenciais para a religião. Todavia, essas mulheres, que assumiram grandes funções e exerceram com excelência, são silenciadas no enredo pentecostal, fruto de uma construção política que submete o ser feminino a posições sociais

subservientes e irrelevantes, por considerá-lo frágil e suscetível ao pecado. No entanto, a estrutura androcêntrica não coíbe as alianças fortalecidas pelas mulheres e o exercício de um poder simbólico. A exemplo disso, destaco o Círculo de Oração, que como ressalta Mota (2008), surgiu de uma reunião de mulheres realizada em 1945 com a finalidade de tecerem orações em prol da cura de uma adolescente em Recife-PE, tornando-se mais tarde um grupo altamente organizado na igreja Assembleia de Deus no Brasil. Atualmente, o grupo é marcado pelo fato de abrigar as mulheres casadas da igreja. Suas funções são centradas na oração pela comunidade e no louvor nos cultos congregacionais. Na igreja Assembleia de Deus em Boa Esperança onde realizei minha pesquisa, as mulheres do círculo de oração exercem poderio simbólico visto que assumem funções de pregadoras, professoras da escola bíblica dominical e são responsáveis pelos núcleos de evangelismo. No entanto, não é permitido que elas estejam de forma permanente no púlpito, tampouco exerçam a função de pastora.

Caminhos Metodológicos

Trago aqui minha escrevivência, recurso afrodiaspórico cunhado pela intelectual Conceição Evaristo (2018) que traduz a materialização das insurgências dos corpos pretos através da escrita. Em seus escritos a autora opera a escrevivência como recurso que con(funde) escrita e vida, dessa forma, o que se escreve é um texto ficcional que funde as histórias narradas com a identidade da personagem narradora. Para Evaristo (2019):

O termo tem como imagem fundante as africanas e suas descendentes escravizadas dentro de casa. Uma das funções delas era contar histórias para adormecer os meninos da casa-grande. A palavra das mães pretas e babás era domesticada, na medida em que tinham que usá-la para acalantar essas crianças. Hoje a escrevivência das mulheres negras não precisa mais disso. Nossas histórias e escritas se dão com o objetivo contrário: incomodar e acordar os da casa-grande. Não estamos aqui para ninar mais ninguém nem apaziguar as consciências (Entrevista concedida à PUCRS, 2019)².

Deste modo uso a escrevivência como método ou recurso etnográfico, como queiram chamar, pois o que se traduz nesse texto não é um relato de experiência, ou uma *afetação* como no caso de Jeanne Favret-Saada (2005), mas parte do que nomeio

² Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em 24/01/2022.

como *antropologia contra-colonizadora*³. As histórias que seguem no decorrer do texto se con(fundem) com as experiências perpassadas em meu corpo durante os 25 anos que estive na igreja e serão analisadas a partir de uma epistemologia feminista negra (COLLINS, 2019). Sendo assim, reafirmo aqui meu lugar de *outsider within*⁴ para navegar entre os vários rios que me atravessam.

Este lugar de forasteira me permitiu construir um arsenal teórico que atrela as pesquisas de gênero e pentecostalismo aos textos bíblicos usados como referências para a consagração de lideranças. Localizo também minha escrita em bom *pretuguês*, como teoriza Lélia Gonzalez (1988), trazendo minhas vivências de quem esteve imersa no espaço evangélico por 25 anos. Meu campo de pesquisa para fins acadêmicos é datado a partir de 2018 quando comecei a acompanhar as reuniões do Círculo de Oração da Assembleia de Deus em Boa Esperança, mas trago elementos que minha memória guarda desde a infância.

A igreja que serviu de base a esta pesquisa é a Assembleia de Deus em Boa Esperança⁵, onde os cargos ministeriais são outorgados apenas aos homens, visto que a instituição crê que a mulheres foram criadas com o intuito de serem suas “adjutoras”. Dessa forma, destinam a elas trabalhos de auxiliadoras, professoras, cantoras, nunca chegando a cargos de liderança, tais como o pastoreio. Nas ADs as mulheres também exercem a função de participantes do Círculo de Oração (CO), um dos departamentos mais importantes da igreja, que reúne as mulheres para fazer atividades como louvor, oração, pregação, evangelismo e ações sociais. Na AD em Boa Esperança o CO é um grupo exclusivo de mulheres e possui um grande “poderio simbólico”, sendo consideradas os pilares da igreja, todavia esse poder esbarra na estrutura misógina da instituição, fruto de um projeto coronelista que reproduziu na igreja as relações de escravidão das fazendas onde os donos de escravos passaram a ser donos do púlpito. Nesse contexto, a fé foi utilizada tanto como mecanismo de subjugação da população preta e pobre, que compõe a maioria desses espaços, quanto para controle dos corpos das mulheres. Esse texto está dividido em 3 partes - primeiro uma breve descrição sobre a pioneira da AD, seguida da descrição do Círculo de Oração Rosa de Saron e finalizo

³ Empresto esse termo de Antonio Bispo que entende por contra-colonização todos os processos de resistência ao etnocentrismo (BISPO, 2015). Esse conceito será teorizado na minha dissertação de mestrado.

⁴ *Outsider within*, refere-se a posição de fronteira ocupada por grupos de poder desigual. No âmbito acadêmico, esta posição permite às pesquisadoras negras constatar elementos da sociedade a partir de fatos de suas experiências (COLLINS, 1986).

⁵ Igreja vinculada à Convenção Interestadual de Ministros e Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Estado do Pará (COMIEADEPA) e a Convenção Geral dos Ministros das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus no Brasil (CGADB).

com uma pequena reflexão sobre o poderio simbólico e o púlpito.

Frida Strandberg e o “silêncio santo”

A missionária pioneira da Assembleia de Deus que fora silenciada da história da igreja tem um papel fundamental para entendermos as relações de gênero e poder na instituição ao longo dos seus 108 anos. A “esposa do pioneiro”, como foi descrita na biografia feita pelo historiador oficial da Assembleia de Deus, Isael Araújo, protagonizou uma história de luta para exercer o ministério divino ao qual acreditava ter sido chamada. Os conflitos enfrentados por Frida tiveram início logo após sua chegada. Enquanto ela desenvolvia os trabalhos sociais, aos quais as mulheres eram designadas, não houve conflito, todavia, as tensões com o missionário Samuel Nyström iniciaram logo após sua chegada, quando esta se propôs a fazer a organização do hinário da igreja, se acirrando quando ela passa a assumir o púlpito e a direção do jornal *Boa Semente* (1919).

Vilhena (2016, p. 212) menciona que o missionário surpreende-se com o fato de Frida demonstrar que não era somente a “esposa” de um dos fundadores, mas uma líder, pastora, pregadora, escritora e musicista. Se fizermos uma análise minuciosa, a reação do missionário é contraditória, visto que, Frida viera ao Brasil para atuar como ensinadora da palavra, sendo assim, ela só estava cumprindo sua função. Todavia, Nyström já sabia das potencialidades da missionária, pois estudaram juntos na escola bíblica, portanto, os embates com Frida advêm de sua postura misógina por não aceitar que uma mulher estivesse liderando a sede da igreja. As ações do missionário frente à atuação de Frida na igreja reflete a posição do homem dominador e da mulher submissa que é produzida e reproduzida no cristianismo.

As disputas por poder nas igrejas pentecostais se consolidaram após a expansão do movimento. Nos Estados Unidos, essas disputas ocorreram após o apogeu do Movimento da Rua Azusa, quando houve separação por controvérsias doutrinárias provocando a desigualdade racial e de gênero. No Brasil, o caráter pietista, que marcou o início da igreja, sofreu impacto do patriarcalismo que se sucedeu na era Vargas (1930-1945). Nessa conjuntura, a expansão da igreja nas entranhas de um país coronelista unida ao machismo sueco nortearam a base doutrinária da igreja, iniciando um movimento autoritário. A instituição, após a convenção de 1930, passa a ter liderança brasileira e não mais sueca. Dentro desses ditames doutrinários estavam a não

aprovação da liderança feminina, direcionada ao principal alvo dos pastores misóginos, Frida Vingren. Para tanto ela escreve um artigo no jornal *Mensageiro da Paz* intitulado *O Pastor*, publicado em 15 de fevereiro de 1931.

A palavra pastor é simplesmente uma expressão do caráter da sua missão [...] Muitos pensam que a consagração é que faz o pastor. É um erro - esta é, unicamente, uma confirmação da vocação de Deus, é um auxílio, para diante da lei social, poder exercer as funções de um ministro evangélico. Nós somos muito aptos para olhar as coisas exteriores; Deus, porém, olha o interior. O faz pastor é, primeiramente, a vocação divina, e depois o “dom”. Não um dom natural, de palavra, mas um dom espiritual, dado pelo Espírito Santo. [...] E para que serve o título sem possuir a realidade? É preferível, então, ter a realidade sem o título [...] todos os pastores prestarão conta, diante de Deus, o sumo pastor, por todas as almas [...]. (*Mensageiro da Paz*, ano I, n.4,1930, p. 3).

O artigo pode ser interpretado como uma resposta aos ataques que ela sofrera. A tentativa de silenciar a missionária falhou e seu púlpito tornou-se o jornal. Frida rememora a passagem de I Coríntios 12, que trata dos dons concedidos pelo Espírito Santo, enfatizando que a vocação divina vem antes da consagração. Em suma, como o pastorado é uma vocação divina e o Espírito chama quem Ele quer sem fazer distinção de gênero, não há argumentos que comprovem a proibição de que mulheres não poderiam pregar. A missionária ainda ressalta que o importante não era a titulação, mas o trabalho desenvolvido.

A resposta ao artigo de Frida veio na edição seguinte do jornal, no artigo intitulado *Silêncio santo*, por Nils Kastberg. No texto, o redator alerta os irmãos assembleianos sobre a necessidade de silenciar-se e trata como um erro humano falar demasiadamente. Seu artigo é dividido em quatro partes: *o silêncio na oração*, *o silêncio na tribulação*, *silêncio diante dos homens* e por último, *o lugar silencioso*.⁶ No primeiro ponto ele ressalta a necessidade de calar para ouvir a voz de Deus. Em *silêncio na tribulação*, Nils usa o exemplo bíblico de Jó, que nos momentos de tribulação só conseguiu ouvir a voz de Deus quando ficou em silêncio. No tópico *silêncio diante dos homens*, o exemplo citado é o de Jesus que no caminho para a crucificação ficou “como um cordeiro mudo”⁷ e conclui o item dizendo:

Encontramos de vez em quando pessoas que padecem de certa doença: falar demasiadamente. São falladores, contenciosos, que fazem guerra por onde andam. Na presença destes é bom e prudente calar-se e não responder as suas loucuras. Um silêncio santo diante de tais pessoas, pode servi-lhes de

⁶ Mantida grafia original de todos os trechos do artigo.

⁷ Referência ao livro de Isaiás 53:7

pregação. Sim, até mesmo sem palavras, podem as mulheres crentes ganhar os seus maridos incrédulos, disse o apóstolo Paulo (KASTBERG, 1931, p.5).

E no último ponto, o *logar silencioso*:

Onde é este lugar? E como poderemos aprender o silêncio santo? Só fazendo o mesmo, como Maria de Bethania; ella se assentou aos pés de Jesus. Já tomaste este lugar? - A sós com teu Mestre - ouvindo as Suas palavras, e aprendendo daquelles que é manso e humilde de “coração” poderás saber que é, “silêncio santo” (p.5).

É imprescindível ressaltar que, por mais que o autor trate como um erro humano o falar em demasia, seus exemplos são reiterados com histórias de mulheres. O silêncio santo a que ele se refere rememora um lugar de suportar dores e sofrimentos sem reagir. Esse discurso é muito utilizado no meio pentecostal, onde a fé no divino para solucionar suas causas é absoluta, e prestar queixas sobre o assunto não é visto com bons olhos pela comunidade. No entanto, um fato na narrativa de Kastberg nos chama atenção. Ele relata que Jesus não reclamou de sua situação no caminho à crucificação, todavia, o evangelho de Marcos relata que prestes a falecer, Jesus exclamou em alta voz dizendo “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?, que traduzido, é: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Marcos 15: 34) Ao citar o caso de Maria, o autor não contextualiza que, na época, as mulheres não poderiam participar de reuniões com os mestres da lei. Dessa forma, Maria fica em silêncio, tão somente, para que não descubram que ela estava escondida ouvindo o que Jesus e os mestres discutiam.

A hermenêutica vaga aplicada pelo redator propõe o silêncio como solução “santa”, a fim de calar a voz de quem não seguia o “padrão assembleiano”. A retórica utilizada para advertir os irmãos pode ser interpretada como uma ação para deslegitimar a atuação de Frida e de outras mulheres que atuavam junto a ela nos trabalhos da igreja, pois não era de bom grado que uma mulher ultrapassasse o lugar de silêncio para questionar as posições dos “homens de deus”.

A subversão de Frida não teve apoio da maioria das mulheres e homens assembleianos, pois Samuel Nyström, junto aos pastores nordestinos, usaram todos os artifícios possíveis para afastá-la do jornal que ela ajudara a criar, e da igreja, que nasceu sob sua liderança. As tensões, motivadas pela ganância de poder, atrelada à misoginia dos pastores, resultaram no retorno de Frida e sua família à Suécia. Quem assume a liderança da igreja no Rio de Janeiro e anos depois se torna presidente da convenção de pastores é ninguém menos que Samuel Nyström.

A missionária que cooperou com a implementação da igreja Assembleia de Deus, foi redatora dos jornais da igreja, escreveu 23 hinos da Harpa Cristã e atuou à frente da igreja por 16 anos, então retorna ao seu país de origem. É imprescindível relatar que o retorno da família Strandberg-Vingren não foi pleiteado por vontades próprias, pois a decisão de partir fora ocasionada pelas inúmeras violências que Frida sofrera. Trago esta afirmação baseada nos registros históricos que retratam os desgastes que acometeram a missionária por não se colocar como a “esposa do pioneiro”. A religião atrelada ao androcentrismo não suportou ver uma mulher assumir o púlpito e discordar de um grupo de homens e tal fato reiterou o posicionamento misógino que persistiu nas décadas seguintes à saída de Frida, pois até o presente no cenário Assembleiano nenhuma mulher assumiu o púlpito de uma igreja como pastora, exceto a título de esposa de um ministro.

É válido ressaltar que esse apagamento da história de Frida, uma mulher branca e europeia, é apenas um dos muitos casos de silenciamentos desencadeados pela estrutura misógina das igrejas Assembleias de Deus. Nos registros da igreja consta que Emília Costa, uma mulher negra fora consagrada ao diaconato, a única até o presente momento a assumir tal posto. Todavia, não é conhecido se foi permitido a ela assumir tal função, tampouco sabe-se mais do que seu nome e esse feito.

Diante deste cenário é necessário indagar se o Espírito não faz distinção de gênero, quais as razões que impedem a ascensão das mulheres aos cargos eclesiásticos? Como elas atuam nesse processo que as subalterniza, sendo que são a maioria nas igrejas? Nesse contexto, destaco o Círculo de Oração Rosa de Saron e sua atuação na igreja de Boa Esperança como um exercício de *poderio simbólico* em contraposto a postura androcêntrica da instituição.

“O Espírito Santo usa quem Ele quer”: Uma descrição do Círculo de Oração Rosa de Saron

O Círculo de Oração Rosa de Saron é um departamento⁸ da igreja evangélica Assembleia de Deus em Boa Esperança, que surgiu em 1981, sob a direção da irmã Lúcia Cardoso. Em entrevista realizada em 2019, irmã Lúcia relatou que inicialmente o grupo era de intercessão e, logo depois, as irmãs se organizaram em forma de coral

⁸ Departamento ou grupo é a nomenclatura para definir as subdivisões da igreja. Na Assembleia de Deus de Boa Esperança há o departamento de jovens, crianças, círculo de oração e obreiros.

passando a realizar tanto as atividades de louvor da igreja quanto de oração. A nomenclatura “Rosa de Saron” é uma referência à passagem bíblica de Cântico dos Cânticos, capítulo 2, onde a Sulamita (a amada do rei Salomão) se intitula como a Rosa de Saron. Na narrativa bíblica, o vale de Saron é descrito como uma terra fértil que produzia belas flores, por isso a Sulamita se intitula como uma rosa deste vale. A expressão é atribuída a um denotativo de beleza e bons aromas e é frequentemente usada para nomear departamentos em igrejas.

O círculo de oração desenvolve um importante papel de atuação dentro da AD Boa Esperança, tendo forte participação na liturgia dos cultos, além de liderar e compor os pequenos grupos de oração. Ele também atua como uma rede de apoio para mulheres, pois é neste espaço que elas compartilham suas vivências e buscam acolhimento às suas dores. Como já dito anteriormente, o grupo agrega somente mulheres e é costume das ADs que as integrantes do Círculo de Oração sejam casadas. Na Assembleia de Deus em Boa Esperança o Círculo de Oração integra o que pode ser considerado o último estágio do ritual de passagem da mulher assembleiana, visto que, se essas mulheres nasceram em “lares assembleianos”; o rito inicia-se na apresentação infantil⁹, passa pelo departamento de crianças, posteriormente grupo de adolescentes e encerra no Círculo de Oração.

Na AD de Boa Esperança, o grupo agrega mulheres viúvas e divorciadas, mas ambos estados civis são motivos de alguns silenciamentos na igreja a depender de quem está no pastorado. No ano de 2018, em uma conversa com uma das regentes do Círculo de Oração, ela me relatou sobre um caso de constrangimento que vivenciou no ano anterior. Em um culto de domingo à noite, o pastor da igreja pediu que ela retirasse uma irmã recém-convertida da bancada do coral, “ele disse que nós só cantaríamos se ela saísse”, a razão desse ímpeto deu-se porque ela estava “junta”¹⁰ com um irmão. A regente não acatou a ordem e o pastor voltou atrás em sua decisão. Essa foi uma das inúmeras manifestações de controle por parte da liderança pastoral.

No Círculo de Oração há irmãs que são “separadas”, não convivem mais com seus companheiros, todavia não são divorciadas. Esse fato se dá pela demora no processo e também pelo aconselhamento pastoral que as direciona para a permanência no matrimônio, partindo da prerrogativa de que “o casamento é uma instituição

⁹ A igreja Assembleia de Deus não batiza crianças, mas há um rito de apresentação infantil embasado pela passagem de Lucas 2 que relata a apresentação de Jesus no templo.

¹⁰ “Junta” ou “morando junto” são termos utilizados para quem vive em união estável.

indissolúvel”. Essa assertiva reforça o que Bourdieu (2012) classifica como “dominação masculina”. No caso das mulheres do Rosa de Saron, mesmo quando não estão sob a tutela de seus companheiros, elas encontram-se sob a tutela do pastor.

As irmãs do Rosa de Saron, em suma, são mulheres em situação de vulnerabilidade social, algumas são donas de casa e/ou trabalham na roça. Um outro quantitativo trabalha nas casas de farinha¹¹, uma pequena parcela é professora na escola municipal da comunidade e as irmãs mais idosas recebem aposentadoria rural. O grupo tem uma diversidade de faixa etária, sendo que a irmã mais nova tem 20 anos e a mais velha tem 84. No concernente ao quantitativo de integrantes do departamento, em 2019 realizei um levantamento que contabilizou 42 mulheres, em sua maioria mulheres negras.

O Círculo de Oração tem uma organização administrativa hierárquica e a escolha de liderança é realizada anualmente pelo pastor da igreja. Para Alencar (2012, p.191) essa escolha é feita por afinidades ao líder, pois torna-se mais fácil monitorar e controlar as ações do grupo se quem está à frente tem sintonia com o líder. Em suma, além de partirem desse pressuposto, as mulheres devem ter o batismo com o Espírito Santo. Em algumas AD's quem assume a liderança do grupo é a esposa do pastor. No período desta pesquisa a líder do círculo de oração era a irmã Maria da Luz, uma senhora de 57 anos, moradora da comunidade de Boa Esperança e membra da Assembleia de Deus desde os seus 20 anos de idade.

Além da função de presidente, o grupo conta com uma vice, uma secretária, as irmãs responsáveis pelo louvor (solistas e regentes) e visitadoras. Todas essas mulheres são subordinadas à liderança da presidente do grupo. Tendo em vista que a instituição funciona através de múltiplas hierarquias, dentro da hierarquia do Círculo de Oração, a presidente é quem assume a função mais alta e define quem a acompanhará nas demais funções. Ela é a responsável por indicar ao pastor da igreja as irmãs que podem ocupar os demais cargos do grupo e também é quem organiza o cronograma de atividades. Na AD de Boa Esperança o anúncio dos cargos é feito no primeiro domingo do ano quando acontece o culto administrativo¹².

¹¹ A casa de farinha é o local onde se transforma a mandioca ou macaxeira em farinha amarela ou farinha de tapioca. A comunidade de Boa Esperança é conhecida no planalto santareno como referência na produção de farinha de tapioca que é um dos principais meios empregatícios para os moradores locais.

¹² Nesse culto o pastor presidente comunica à igreja quem prossegue em seus cargos e quem os deixa, geralmente ele anuncia o nome e a função que o membro irá desempenhar e o chama ao púlpito, logo após o anúncio de todos, o pastor faz uma oração sacralizando o momento.

A vice-presidência do Círculo de Oração é uma função de privilégio geralmente assumida por mulheres mais velhas, batizadas com o Espírito Santo e que sejam atuantes no grupo. Na nova gestão pastoral a função foi duplicada, haja vista que a demanda de atividades aumentou e o projeto de integração com as demais congregações foi retomado. Nesse contexto, as vice-presidentes revezam-se para fazer visitas às congregações e, na ausência da presidente, são elas que realizam os cultos do departamento e conduzem as demais atividades.

As responsáveis pelo louvor têm a atribuição de conduzir os ensaios do coral e designar as canções que serão apresentadas nos cultos. Essa função é outorgada às irmãs que possuem domínio musical. No Círculo de Oração Rosa de Saron essas irmãs também atuam como regentes do coral. No grupo há também as solistas que são mulheres que conduzem os solos das canções entoadas pelo grupo.

O Círculo de Oração também possui secretária, a qual é responsável pela organização administrativa do grupo, como a frequência dos ensaios, atas de reuniões, orçamento dos eventos realizados e recolhimento das ofertas angariadas nos ensaios. Além disso, algumas mulheres do grupo caracterizam-se como visitadoras, um segmento que não faz parte da organização do Círculo de Oração, mas é composto pelas membras do grupo. Não há uma definição específica para estas irmãs, mas seus nomes são escolhidos pelo pastor da igreja e geralmente são mulheres mais velhas, batizadas com o Espírito Santo e que tenham dons de visão e profecia. Dentre as atribuições dessas irmãs estão as visitas domiciliares a doentes e necessitados. Algo pertinente sobre esta função está no fato de que quem ocupa esse cargo acredita que está cumprindo um chamado divino.

Além dessas funções que são diretamente ligadas ao trabalho do círculo de oração, as irmãs exercem também micro-lideranças em pequenos grupos como os NEC'S¹³, os cultos de mulheres e, no caso da irmã Maria da Luz, a pregação. Ela tem uma atuação que diverge do papel destinado às mulheres na igreja, pois geralmente está no púlpito, ora pregando, ora ensinando a lição da EBD, mas são papéis temporários, visto que, apenas homens têm funções ministeriais permanentes. Quando questionada sobre o fato de não estar no púlpito permanentemente e se havia alguma implicação em sua vida, ela retrucou dizendo que a maioria da membresia é composta por mulheres, e

¹³ Os Núcleos de evangelismo e crescimento- NEC's são pequenos grupos de 10 a 15 pessoas que reúnem-se nas casas de membros ou não membros da igreja para realizarem cultos. Eles são liderados pelas irmãs do círculo de oração e possuem a mesma liturgia dos cultos, todavia sob a direção de mulheres.

que estas lideram NEC's, são professoras da EBD e fazem o trabalho evangelístico, pois o ministério de obreiros não “é de ir para fora da igreja fazer o que elas fazem”. Ela reiterou também que o Espírito Santo capacita quem Ele quer, independente do gênero.

O exercício do *poderio simbólico* e o púlpito

Trago a prerrogativa do poder simbólico para exemplificar as formas de resistência que essas mulheres estão inseridas, mas também para elencar como a religião, enquanto sistema simbólico se utiliza da fé como mecanismo de subjugação dos corpos das mulheres. Para Bourdieu (1989, p. 7) “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. No caso das irmãs do Círculo de Oração, o poder visível é centrado na figura dos homens que estão no púlpito assumindo funções ministeriais do presbitério, diaconato e auxílio na igreja¹⁴ e o poder simbólico está na figura de irmãs como Frida e irmã Maria da Luz que subvertem a estrutura androcêntrica, ou assim tentam, através de seus “chamados”. Esse contexto é exemplificado pelo espaço de poder materializado no púlpito.

Ao adentrar na igreja da Assembleia de Deus em Boa Esperança a visão que o visitante terá é a do púlpito, o altar. Esse espaço é mais elevado que o restante do templo e consta com alguns elementos como as cadeiras do ministério¹⁵ e a tribuna. Ele é ocupado pelos pastores, presbíteros e diáconos, sendo o pastor presidente a figura central, pois sua cadeira fica simetricamente no centro do púlpito e na sua ausência ninguém a ocupa. É válido ressaltar que essa prática simbólica de diferenciação não é presente apenas no assembleianismo rural. Segundo Fajardo (2015, p. 245)

[...] observamos a preocupação com as cadeiras do púlpito, e em especial com a cadeira do pastor-presidente, na sede de diferentes ramos da AD, conservadores ou não. Além disso, o modelo é reproduzido pelos setores e congregações de tais Ministérios, com exceção às pequenas congregações da periferia, muitas vezes sem recursos financeiros para investir nestas características simbólicas. Tais elementos apontam para o lugar de destaque que a figura dos obreiros ocupa na cultura assembleiana.

¹⁴ O presbitério é ocupado por homens que são batizados com o Espírito Santo. Geralmente são homens mais velhos responsáveis por ensinar a igreja e assumem esta na ausência do pastor. O diaconato também é destinado a homens batizados pelo Espírito Santo, todavia suas funções variam nas igrejas. Em suma o diácono deve auxiliar no trabalho administrativo e servir de maneira geral. Na AD também há também a função de auxiliar, como o termo indica, este deve ajudar os demais ministros no que for necessário.

¹⁵ Aqui ministério grafado com a letra minúscula assume novamente a tipologia de “ministério estamental” criada por Alencar (2012).

Ainda sobre esta divisão Edin Abumanssur observa que:

O púlpito é o centro em torno ou diante do qual são dispostos os bancos para os fiéis. Ele jamais estará no mesmo nível dos bancos [...] A discussão em torno do lugar que o púlpito deve ocupar na organização do espaço do templo remete à questão teológica sobre o significado do culto e, nele, o papel da pregação (ABUMANSUR, 2004: 127).

Essa configuração do púlpito como um espaço exclusivo dos “homens de Deus” reflete a postura religiosa de sacralizar papéis de gênero socialmente construídos através de um discurso misógino ao passo que evidencia a estrutura patriarcal de liderança e o que Gedeon Alencar (2012, p. 73) denomina como *ethos* rural. Para o autor as ADs estão arregimentadas em três esferas: a mentalidade rural, estrutura patriarcal e estamental de liderança e o abismo comportamental entre igrejas sedes e congregações. Essa estrutura foi construída em torno do clientelismo e mandonismo em que pastores-presidente, na ausência de um poder nacional, são os “donos” da igreja (ALENCAR, 2012, p.72). Se analisarmos essa concepção a partir da pressuposição dos fiéis de que a igreja é um conglomerado de membros onde o pastor é “a cabeça da igreja” entenderemos a análise de Alencar como uma relação de dominação entre púlpito e bancada, no púlpito encontra-se o pastor e aqueles que ele designou para estarem ao seu lado, na bancada encontramos o círculo de oração, os jovens e as crianças que em sua maioria são filhos e filhas das irmãs do CO.

É evidente que essa relação de dominação é herança de um modelo capitalista branco cis hétero, e isto está enviesado na construção do cristianismo moldado por um figura divina masculina. À medida em que as correntes doutrinárias, seja pentecostais ou não, sacralizam essas desigualdades de gênero como frutos de uma interpretação bíblica, elas corroboram para o silenciamento das mulheres atuantes nesses espaços. A respeito disso, as intelectuais Sandra Souza e Carolina Lemos (2009, p. 53) dizem que:

As representações sócio-culturais de homens e mulheres e mulheres, que evocam a desigualdade social baseada na diferença social são sacramentadas pela religião, naturalizando dessa forma a violência de gênero. A própria representação da divindade cristã como masculina, é um indicador do lugar privilegiado de poder do homem em nossa sociedade. [...] isso é materializado, por exemplo, no exercício do poder eclesiástico, onde, a despeito do fato de o contingente feminino nas religiões, de maneira geral, ser significativamente superior ao masculino, efetivamente há muito mais homens do que mulheres nos postos mais altos. [...] a Igreja Católica

Apostólica Romana e várias Igrejas evangélicas não aceitam, em hipótese alguma, a ordenação de mulheres como sacerdotisas ou pastoras. Curiosamente, o trabalho feminino nas igrejas cristãs é o mais explorado de todos.

Considerações Finais

Em suma o púlpito se configura como um território de poder, pois dele partem as consagrações dos cargos da igreja, as mensagens que guiam as ações da membresia e também o silenciamento daqueles que não são vistos como “figuras santas para o altar”. É nele que as regras da igreja são aplicadas e, quando um membro as infringe, este também é usado como um espaço para as reprimendas, através da disciplina¹⁶. Esse espaço é estritamente controlado pelo pastor e seu ministério, o que torna a presença das mulheres nula ou pouco frequente. Quando estas realizam suas conferências, a liturgia é comandada na parte de baixo do altar e mesmo quando elas utilizam o púlpito se restringem aos assentos das laterais, distantes da “cadeira do pastor”, que, como já foi observado, não é ocupada na ausência dele. O púlpito também é entendido como um espaço de reprodução de violência, prova disso é a trajetória da pioneira das Assembleias de Deus que fora silenciada dos registros oficiais por reivindicar seu “direito” de usar o púlpito.

Nesse contexto, a igreja funciona como uma extensão da casa dessas irmãs, visto que se em seus lares elas devem performar a conduta da “mulher sábia que edifica seu lar”, sendo submissa ao marido, o que é ratificado na igreja ao intitularem-se “servas do senhor” e “ovelhas do pastor”. Sob essa perspectiva, se em suas casas elas devem submissão a seus maridos, na igreja é ao pastor que é sacramentado como o “anjo da igreja”. Nesse contexto, a narrativa bíblica citada anteriormente reforça esse papel de que a mulher cristã deve ser esforçada, sábia e perseverante, pois há de ser recompensada. Todavia, ao analisar esse discurso percebe-se o perigo nas entrelinhas, visto que, reforça o silenciamento dessas mulheres, que ao mesmo tempo em são tidas como os pilares das igrejas e dotadas de uma conduta sobrenatural indispensável, também estão debaixo da “cobertura espiritual” de uma estrutura androcêntrica.

¹⁶ Ser disciplinado significa estar impossibilitado de exercer qualquer função na igreja e participar da Santa Ceia. Nesse contexto, o membro fica um período sem exercer tais funções até que este venha ao púlpito para se reconciliar, ou seja pedir perdão à igreja pelo motivo que ocasionou sua disciplina.

Referências

ABUMANSSUR, Edin Sued. **As moradas de Deus**. São Paulo: Novo Século, 2004.

ALENCAR, Gedeon. **Assembleias Brasileiras de Deus**: teorização, história e tipologia (1911- 2011), 2012, 285 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2012.

ARAÚJO, Isael de. **Frida Vingren**: uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: Cpad, 2014. 183

BÍBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. João Ferreira de Almeida. São: SBB, 2011.

BISPO, Antonio. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI-UnB/CNPq). Brasília, DF, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. Learning from the outsider within: the sociological significance of black feminist thought. **Social Problems**, v. 33, n. 6, p. 14-32, Oct./Dec. 1986

COSTA, Thaís de Oliveira. **Eu discordo de um cara**: Um estudo sobre gênero e pentecostalismo na Assembleia de Deus em Boa Esperança - Santarém/PA. 2019. 50 f. Monografia - Curso de Bacharelado em Antropologia, Instituto de Ciências da Sociedade, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. 2019.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. In: **Poemas de recordação e outros movimentos**, 3.ed. Rio de Janeiro: Malê, p. 24-25, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**, 3 .ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. 200 p.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução Paula Siqueira. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FRESTON, Paul. **Protestantes e Política no Brasil**: da Constituinte ao impeachment. Campinas: Tese de Doutorado em Sociologia, Unicamp, 1993.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

MOTA, Elba. **O feminino pentecostal**: uma análise da revista “Círculo de oração” da igreja Assembleia de Deus. 2008. Disponível em <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/mota-elba.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2019

VILHENA, Valéria. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg** (1891-1940), 2016, 236 f. Tese (Doutorado) - Pós Graduação em

Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2016.

SOUZA, Sandra Duarte de. A casa, as mulheres e a igreja: violência doméstica e cristianismo. In: SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. **A casa, as mulheres e a igreja**: relação de gênero e religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 15-79.